



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista,,

DIRECTOR: EDUARDO LARCHER MARÇAL.

COMP. E IMP. CENTRO DE NOVIDADES—BARCELLOS

Palavras de paz

*La grande œuvre d'entre-
ter est celle de la concentra-
tion nationale.*

CH. WAGNER.
(JEUNESSE)



Revolução deixou depois de si uma tranquillidade tão completa e, na apparencia, ao menos, tão segura, que esses curtos dias, terriveis de anciedade e incerteza, já nos parecem distantes, sumidos muito ao longe, na bruma de um passado morto.

Essa tranquillidade, para uns, quer dizer apenas indifferença, para outros só, egoismo accommodaticio, para alguns resignação forçada e impotente de vencidos.

E ainda, para outros, é a paz consoladora, depois de longo tempo de lucta e de anciedade. E' a segura confiança n'um melhor futuro d'esta malaventurada patria, depois de muitos annos de duvida e desanimo.

Em todos, salvo em alguns especuladores sem escrúpulos, havia já ha muito tempo um ardente desejo de tranquillidade, de quietação. A parte laboriosa do paiz precisava do socego, do descanso de espirito que o trabalho fecundo exige.

E ha quanto tempo o não tínhamos!

Vivíamos n'uma atmosphera de duvida, de receio e de anciedade, torturava-nos a incerteza do dia seguinte.

A revolução, que, a cada momento, se esperava; os escandalos que, dia a dia, rebentavam, como vulcões de lama, ennodando reputações, espalhando a suspeita, ás vezes a calumnia e sempre a desconfiança; os partidos politicos fragmentados, abrindo entre si abysmos de odios, de perseguições, de intrigas; tudo lançava o paiz n'um doloroso estado de duvida, de incerteza e desconfiança.

Por isso elle sentia uma ardente sede de paz, de quietação, de tranquillidade.

Por isso tambem essa tranquillidade veio logo, espontanea e segura, após a Revolução.

No emtanto a heterogeneidade d'esses elementos: *indifferentes, accommodaticios, inadaptados e crentes*, torna esta quietação instavel e artificial.

A grande aspiração da Republica deve ser portanto a de concentrar todos esses elementos, hoje heterogeneos e antagonicos, de os unir no generoso esforço de trabalhar pelo bem da patria.

E' uma larga e generosa obra de fraternidade a realisar, que, para ser elevada e pura, não deve ser manchada por baixezas que humilham, nem por transigencias que corrompem.

E é sobretudo de nós, da grande massa do paiz, que deve partir o maior impulso para que ella se effectue.

E' preciso que o nosso amor pela patria não seja apenas uma sonora phrase, que perduramos nos discursos.

Amar a patria é sentir um profundo e largo sentimento de affeição por esta terra onde vivemos, que é o tumulo dos nossos paes e que será tambem o nosso; esta terra que se reflecte poderosamente dentro da nossa alma e lhe imprime todo o seu modo de ser.

O que nós somos lê-se claramente na doçura do nosso clima, na conformação dos nossos montes, no deslisar dos nossos rios, na frescura dos nossos valles. . .

A solidão e a melancolia da charneca fazem o Alemejtano concentrado e altivo, a aspera rudeza da montanha faz o Transmontano enérgico e violento, o aconchego e a formosura dos seus campos fazem o Minhoto tímido e bucolico.

Na nossa alma ha sempre muito do solo onde vivemos e por isso, porque é como que uma parte de nós, devemos querer-lhe muito, como queremos aos que nos crearam.

Amar a nossa patria é sentir um grande e generoso amor por todos os portuguezes. Por esses que são nossos irmãos, filhos da mesma terra, fallando todos a lingua que as nossas mães nos ensinaram; irmãos pelo sangue derramado em commum no fragor das batalhas; irmãos pela solidariedade do esforço, na paz fecunda do trabalho.

Amar a patria é sobretudo ter confiança n'ella, sentir o orgulho de ser seu filho, e o desejo de a vêr sempre digna, livre e respeitada.

E' portanto soffrer com as suas amarguras, trabalhar por ella, nobremente, desinteressadamente. E um dia, se o estrangeiro quizer macular a terra, onde nossos paes descançam, que abriga o nosso lar, e onde mourejamos com o nosso esforço independente e digno, porque é livre, amar a patria é sabe-la defender e morrer por ella.

O amor da patria impõe-nos, portanto, o esquecimento, pelo bem geral, dos nossos caprichos, dos nossos odios, e até dos nossos sentimentos de affeição pessoal, que tantas vezes cegam e corrompem.

CERTEZA

A JOSÉ BELLEZA DOS SANTOS.

*Dizem aquelles tristes que julgaram
Ter vivido n'um dia toda a vida :
—«E' tudo engano; e a alma, aborrecida,
«Morre dos ideais que a alucinaram !!.*

*E aos outros gritam:—«Onde, essa corrida
«Atraz das illusões que vos chamaram?
«Loucos, para:—porque esses que pararam
«Chegaram á verdade apetecida !»*

*Mas nós—nem os ouvimos, nós, os fortes
Que atravez de mil prantos e mil mortes
Sentimos que a verdade ou a illusão*

*—Ideia activa ou corpo de mulher—
Nunca podem fugir a quem tiver
Beijos d'amor e garras d'umbição !*

Bruxellas, 1909. Novembro.

JOÃO DE BARROS.

Que um largo e generoso sentimento de tolerancia, de bondade, de fraternidade estreita, approxime e solidarise a grande familia portugueza.

Acabe o velho espirito partidario sem grandeza de principios, sem elevação e generosidade no processo de combater, sem independencia e desprendimento na maneira de actuar.

Os partidos pertencem a uma phase transitoria da evolução social, que deriva da nossa imperfeita educação politica.

Hão-de talvez substitui-los, *ligas provisórias*, para realisar qualquer reforma social, ligas que contenham os espiritos vindos dos partidos mais oppostos.

N'ellas se alcançará, diz Payot, um maior espirito de tolerancia e de justiça.

Mas não esperemos só pelos outros, comecemos nós, dentro dos nossos muros e pelo bem d'esta terra, a realisar essa obra de *fraternidade, de tolerancia e de justiça*.

J. B.

Philosophia... e ruínas

FICA-SE n'uma tonteira sem interregno ao pensar nas controversias do apparecimento mais ou menos certo do homem na terra, no seu lento desenvolvimento, na lucta persistente que tem mantido depois de largar a idade da pedra até se atarrachar a esta civilização que já o leva a grandes altitudes e con-

longe pelo ar, sem o amparo do ténue fio de arame; vive-se pelo cinematographo que nos traz aos olhos a natureza, a arte e os costumes, ainda os mais estranhos, os mais inverosímeis e inconcebíveis; vive-se na marcha acelerada em que caminhamos na vida, destruindo os potentados, os privilegios de casta, não fugindo do peccado, mas indo mesmo de encontro a elle para o extinguir.

Sonhe-se — vá!... — um lapso de tempo. O



Cliché de Augusto Soucasaux

ASPECTO GERAL DAS RUINAS

Símili-gravura de Matques Abreu

tra as mais ousadas correntes athmosphéricas, com reparo mesmo das proprias aguias.

E ainda ha descrentes por ignorancia ou por deficiencia cerebral, maus uns, supersticiosos outros, a convencerem-se, candida e lyricamente, que o mundo não marcha!!!

Até por intuição nós somos senhores d'esta ancia indefinida de conquista em prol do bem e do progresso.

Já se vive muito? Vive-se pela imprensa protegida pelo papel extraído, d'entre outras arvores, do pinheiro — que ainda para almas simples sómente produz pinhas e pinhões — papel em que imprimimos o nosso pensamento que nos desafiamos a mandar muito de

homem hoje com 20 annos — tome-se como hypothese uma idade *romantica* — tem existido muito mais sobre a terra do que aquellas creaturas biblicas que treparam á macrobia, sem rheumatismo e sem cajado.

Somos quasi coevos d'aquelle tempo em que os escrivães, com penna de pato em ris-te, amarfanhando na mão esquerda o lenço alcobaçeiro sumido em hymalayas de rapé (em regra já petrificado...) se assenhoreavam no «anno do nascimento» do são juízo, da boa crença, da legitima vontade dos constituintes que faziam testamento para ir... *ali* a Lisboa onde actualmente qualquer cidadão *adherido* ou por um triz *adherente* ás novas

instituições, vae despreoccupado, com uma mala de viagem de *minima escala*, em — oito horas e pico, sem a necessidade de, dias e dias seguidos, andar a cavallo ou em liteira, ou em diligencia, a dar muitas e repetidas vezes que fazer ao João Brandão e ao Zé do Telhado e aos bacarmtes de bocca de sino.

Até o mesmo progresso modificou a arte de roubar, pois cabe no bolso das calças um revolver com avantajado numero de carga, e os ladrões vestem pelo figurino de Londres, tiram, como em Barcellinhos, a *planta* e o *alçado* da casa da Viscondessa quaes apurados architectos e até se alapardam no Credito Predial, na Casa de Moeda, ajudando-os a Nação com pinguissimos estipendios, para que mais commoda e confortavelmente podessem fazer o *serviço*...

E ai de nós se não pensamos que o carro do progresso come insaciavel cento e vinte kilometros por hora e que... temos de o acompanhar, ficar atraz, ou, muitissimo peor, debaixo d'elle.

Os egoistas ou impecilhos*ou empatas que, a miude, com imbecil solemnidade, no acalentador aconchego da familia ou na cavaqueira ociosa, em que havia ferrotoadas de má lingua e quiçá tropeções no bom senso, não podem impunemente clamar:

—«Eu faço assim, eu procedo d'este geito, porque imito meus paes.»

A esses sabemos nós retorquir:

—«...Pois meu rico interlocutor, vá a cavallo a Lisboa como iam os antigos, gaste quinze ou vinte dias no precurso enquanto eu prefiro o rapido, com esquentador, com salão restaurante que me encurta a distancia.

Um homem como o sr. não deve mesmo viajar de carro, usar calçado, andar vestido; um individuo do seu genero, se acreditarmos no espiritismo, é uma encarnação ainda muito regressiva; e, sabe uma cousa, envolva-se em pelle de renna e afunde nas cavernas prehistoricas. O sr. está deslocado na nossa epocha. Passe muito bem!»

*

Vieram-nos estas desarrasoadas considerações, com arremedos philosophicos, quando ha dias nos debruçavamos sobre as ruinas do convento de Banho, em Villa Cova.

Já volvia quasi uma decada de seculos, um milheiro d'annos, que ali a fé tinha atirado para o ar um templo formoso. Quasi meia idade do christianismo. Uma ninharia, afinal de contas, na vida do planeta. Quinhentos annos antes de Christo — «o grande poeta da poesia moral», servindo-nos da phrase d'uma das mais aquilatadas figuras da litteratura contemporanea — ainda a Grecia alegre, despreoccupada, acceitava apenas aquillo que se achava «no pleno dominio da razão», n'esse periodo aureo do culto á forma, á belleza, demonstrado não só na arte de fallar, mas na de construir, em atticas esculpturas que o nosso seculo guarda aváramente.

...O antigo mosteiro do Banho, do qual publicamos trez photographuras, foi, entre 1072 e 1096, o segundo levantado pelos conegos regrantes de St.º Agostinho que se uniu ás Commendas da Ordem de Christo.

Aqui varios varões illustres se tinham engrandecido para Deus que na nossa era civil foi banido das escolas.

Tomara habito n'esta mansão, calma e ternamente bucolica, o beato Godinho, arcebispo de Braga, habito que a liberdade de hoje manda despir, e tambem D. Payo, individualidade insigne em lettras e virtudes, que o nosso Affonso Costa, ao presente, acceitaria no prato, contanto que fosse *paio* com *p* minuscuro, tratado com galhardia luctulativa.

Um dos priores da ordem havia sido mestre da infanta D. Catharina, filha do rei D. Duarte, D. Jorge da Costa, cardeal de Alpedrinha, confessor de D. Affonso V, que morreu em Roma com a sumptuosa idade de 102 annos, depois de ter sido bispo de Evora e arcebispo de Lisboa, muito mais afortunado que o actual ex-bispo de Beja.

A chronica a que nos reportamos, profundamente avassalada pela traça, meio inintelligivel, conta, sem um assomo de escandalo, que fôra o padre mais endinheirado do seu tempo, pois «recebia as rendas dos bispados do Porto, Vizeu e Ceuta, dos arcebispados de Lisboa e Braga, de mais cinco em Italia, de dezoito abbasias em Portugal, Veneza, Castella e Navarra e, ainda, outros muitos beneficios».

D'onde se prova contundente e concluden-



UM «DETALHE» INTERESSANTE

Cliché de Augusto Saucsaux

Simill-gravura de Marques Abreu

citasse, repetinós, e visse os maus boccados por que vem passando o clero, *esticava o pernil*, perdoem-nos esta expressão vulgar. Mesmo como religião do Estado, a Catholica, e como rei o devoto D. João V. S. Ex.^a Rev.^{ma} nem á mão de Deus Padre Todo Poderoso parochiaria, sendo simples padre, a nossa freguezia dos Feitos, pois se quizesse dirigir, encaminhar ovelhas, só poderia criar e pastorear cabras. Nem para rapé receberia esmolos...

Este D. Jorge foi em 1469 como nosso embaixador a Castella e em 1471 acompanhou D. Affonso V á conquista de Tanger e Arzilla.

Quando este monarcha passou á França, o prelado em referencia ficou como nosso primeiro ministro e como conselheiro do principe.

O papa Xisto IV concedeu-lhe capello de cardeal «recebendo as honras d'esta nova dignidade na igreja de Santo Eloy, assistindo el-rei e a côrte».

Naquelle data ainda podia o monarcha e o sequito real assistir ás funcções religiosas e só por causa d'uma opa, em

Mafra, viu-se o sr. D. Manoel em palpos de aranha, ha dias.

Outros tempos, outros ventos!

Em Roma viveu D. Jorge 23 annos, durante quasi quatro pontificados, tomou parte em trez conclaves e teve alguns votos para papa.

Um felizardo!

*

O templo de Banho abateu um dia e com as pedras das suas ruinas se construiu a igreja de Villa Cova.

Por uma das frestas em pé, que photographamos, se vê como era das mais interessantes obras d'arte do concelho de Barcellos.

temente que não só n'esse tempo não havia a *sanha das accumulações*, como, igualmente, não amava S. Ex.^a Rev.^{ma} o «desapego das cousas terrenas,» antes fazia d'ellas «cavallo de batalha,» arriscando-se ao perigo da abastança, não ignorando que é mais facil um *jumento cacilheiro* atravessar o fundo d'uma agulha, do que um rico entrar no Ceu.

Se o D. Jorge ressuscitasse, juramos aos Santos Evangelhos — formula que melhor se coaduna com este pseudo artiquête, a exumar antigualhas, do que a palavra de honra adoptadas na Republica — e D. Jorge ressus-

Hoje... é uma ossada confusa. Estão mal delineadas as suas dimensões. As mesmas chronicas se acham corroídas pelo tempo.

Ruinias!

E' um feixe de ossos em que viveu a carne, correu o sangue quente da crença.

Maus dias esperam o christianismo. Mas outras antiquissimas religiões volveram no pó e só algum curioso as rebusca e as traz até nós como simples curiosidade.

E assim vamos pela vida fóra, a olhar retrospectivamente pela lente da saudade— em regra côr de rosa— ou a indagar o presente e a soletrar o futuro.

Temos a republica implantada, um sonho para uns, um pesadelo para outros, essa forma de governo que ha trinta annos o poeta A. Malheiro dizia já «estar acenando á Patria com lenço perfumado».

O socialismo vem para nós em dirigivel.

Lá adiante — presentem-n'o homens de sciencia — ha uma nebulosa, que muitas vistas apuradas não lobrigam: é o anarchismo, que o vulgo só conhece pelos... effeitos das bombas,

Nós acreditamos n'uma sociedade muito mais perfeita do que a nossa. «O cerebro do homem foi o ultimo orgão a desenvolver-se.» «Devagar se vae ao longe.»

¿Ha quem se ria?

Thiers — e era Thiers — teve uma phrase meio sarcastica e meio ironica frisando a sua descrença quanto ao exito da estrada de ferro e no emtanto um rapido dos nossos dias, na America do Norte, tem velocidades que tonteiam.

Barcellos, 10-10-910.

A. SOUCASAU.

Dos nossos poetas

PATRIA

(excerpto)

Astrologus

*Não perdi a razão, nem grazejo...
Acaso, meu Senhor, não vedes, como eu vejo,
Neste gigante, em seu aspecto e seu fadario,
O quer que seja de extra-humano e de lendario?
Maior que nós, simples mortaes, este gigante
Foi da gloria d'um povo o semideos radiante.
Cavalleiro e pastor, lavrador e soldado,
Seu torrão dilatou, inhospito montado,
Numa patria... E que patria! a mais formosa e linda
Que ondas do mar e luz do luar viram ainda!
Campos claros de milho moço e trigo loiro,
Hortas a rir, vergeis noivando em fructos d'ouro,
Trilos de rouxinoes, revoadas de andorinbas,
Nos vinhedos pombaes, nos montes ermudinbas,
Gados nédios, colinas brancas olorosas,
Cheiro de sol, cheiro de mel, cheiro de rosas,
Selvas fundas, nevados pincaros, outeiros
D'oliveas, por nogas frautas de pegureiros,
Rios, noras gemendo, azenbas nas levadas,*

*Eiras de sonbo, grutas de genio e de fadas,
'Riso, abundancia, amor, concordia, juventude,
E entre a harmonia virgiliana um povo rubo,
Um povo montanhez e heroico á beira-mar,
Sob a graça de Deos, a cantar e a lavar!
Patria feita lavrando e batalhando: Aldeias
Conchegadinbas sempre ao torreão de ameias.
Cada vila um castello. As cidades defesas
Por muralbas, bastiões, barbicans, fortalezas.
E a dar a fé, a dar vigor, a dar o alento,
Grimpas de cathedraes, zimborios de convento,
Campanarios de igreja humilde, erguendo á luz,
Num abraço infinito, os dois braços da cruz!*

(1) GUERRA JUNQUEIRO

(1) O maior dos poetas portuguezes actuaes. — Os seus versos sobre tudo na Morte de D. João e Vellhice, modelados sobre os de Victor Hugo, egualar por vezes os do grande sciente, pela sonoridade, poder expressivo e vigor magnifico. — Mas Junqueiro não é apenas um imitador e nos Simples e na Patria, por exemplo, a sua Arte tem um forte cunho de personalidade e attinge uma suprema elevação. — A Patria é o nosso grande poema epico da decadencia e ha-de se-lo sempre, pela belleza perfeita dos seus versos onde soluça e canta, onde se exalta e chora toda a alma de Portugal.

Cartas á minha vizinha

XIII

Saber soffrer. — *As grandes dôres e as pequenas contrariedades.* — *Como a vizinha succumbe facilmente.* — *A maior causa das nossas tristezas está em nós.* — *Uma phrase de Taylor.* — *Uma digressão pela velha Grecia.* — *Os estoicos.* — *Maxima de Epicteto.* — *Socrates e Helvidio.* — *A educação para resistir á dôr.* — *A sociedade e os vencidos* — *O orgulho de não mostrar o proprio soffrimento.*

Vizinha :

... Je leur souhaite la seule chose qui puisse montrer aujourd'hui si quel'un a de la valeur ou non, — á savoir: de tenir bon.

NIETZCHE.

UMA das coisas mais difficeis n'esta vida, cara Vizinha, é saber soffrer.

Quantos e quantos, fustigados pelo latego impiedoso da dôr, se abandonam, como fracos, á tristeza, á descrença, ao desanimo! Almas debeis são arrastadas pelo soffrimento, como um barco sem governo, que a corrente leva ás cegas.

E' verdade que ha dôres violentas, como as torrentes das montanhas, que arrancam as arvores mais fortes e tudo devastam, arruinam, desmoramam...

A essas, no primeiro momento, ninguem resiste; é deixa-las passar por sobre nós e procurar, quando por ellas somos levados, alguma coisa que nos prenda á vida: uma lembrança querida, a doçura de uma saudade, a incerteza de uma esperança ou a suave consolação de uma crença. A's vezes o fragil ramo de um arbusto não salva um naufrago que se julgava perdido?

Mas, quantos e quantos soffrimentos ha que uma alma energica, serena, habituada a resistir á dôr, vence facilmente e que fazem succumbir a maioria dos fracos?

Confesse, Vizinha, quantas vezes uma pequena contrariedade da vida a leva a queixar-se amargamente, a desanimar, a julgar-se uma infeliz?

Um projecto que se desfez, uma ambição que se tornou irrealisavel, um namoro que se quebrou, uma intriga que a aborreceu ou uma calumnia que a feriu, fazem logo de si, Vizinha, uma «vencida da vida». Desenha-se logo nos seus lindos olhos, docemente tristes de portugueza, uma tristeza mais funda, uma nuvem mais sombria.

E no emtanto, Vizinha, creia-me, a causa da sua tristeza não está como pensa, no acontecimento doloroso que a faz lamentar-se; está em si, na falta de energia, na pouca resistencia á dôr, do seu espirito delicado, mas fraco.

A agua, correndo sobre o solo, se encontra um terreno compacto e resistente não o penetra; mas logo que appareça um terreno poroso e desagregado infiltra-se atravez d'elle... Assim é a dôr humana que resvala pelas almas fortes, mas que encontra facil caminho na alma dos fracos.

«Os nossos maiores males vêm de nós mesmos, diz Taylor, e é tambem em nós mesmos que devemos procurar o nosso maior bem».

Na velha Grecia, Vizinha, havia uma escola de philosophos, os estoicos, que, educando a vontade, procuravam resistir a todas as fraquezas, a todos os soffrimentos, com uma calma e severa tranquillidade de espirito.

Para elles havia apenas um bem: a virtude e um só mal: a dôr.

Podia cair sobre elles a desgraça, ferilos a calumnia, podiam atormenta-los as perseguições. Perseguidos, ultrajados, calumniados, tinham sempre a mesma elevada serenidade de alma.

Diz um d'elles, Epicteto, no seu livro de Maximas, admiravel pela severa elevação da sua doutrina, pela pureza dos seus preceitos, bellos e simples, como uma estatua de Lysippo:

«E' preciso não ter medo, nem da pobreza, nem do exilio, nem da prisão, nem da morte; é só necessario ter medo do medo».

Por isso os estoicos atravez de todos os perigos, atravez de todas as desgraças, conservavam uma grandeza de alma que ainda hoje, atravez de tantos seculos, nos faz curvar de admiração e espanto.

Socrates, um precursor da escola, tem o

mesmo heroísmo sereno e altivo quando combate pela patria na batalha de Delium, ou quando, para dar o exemplo de obediência ás leis da Republica, despreza os meios de fuga que se lhe offerecem e se envenena com cicuta.

O romano Helvidius, um discipulo dos estoicos, quando Vespasiano, o ameaçava de morte, se fallasse no senado contra a opinião do imperador, respondeu-lhe: «Quando te disse eu que seria immortal? Nós faremos ambos o que depender de nós; tu far-me-has morrer e eu soffrerei a morte sem me queixar».

Era educando a vontade, habituando-se a dominar com ella os sentimentos inferiores e a resistir ao soffrimento, que os estoicos conservavam esta serenidade resignada e activa perante a dôr e o perigo.

Nós, «os modernos», com a nossa civilização e o nosso egoísmo, quasi deixamos perder essa grandeza augusta da alma dos antigos.

Porque não havemos, ainda hoje de procurar essa tranquillidade severa dos estoicos, como elles, por uma educação forte da vontade e pelo habito de resistir orgulhosamente ao soffrimento?

Eduquemo-nos a nós proprios e eduquemos nossos filhos a encarar a dôr face a face, a olhar com desprezo a nossa fraqueza deante d'ella.

Não mutilemos, porém, a existencia, como os estoicos, querendo-lhe tirar todo o prazer ou dôr, com a nossa indiferença gelada.

Não. Amemos e façamos amar intensamente a vida como ella é e no que ella tem de bello, de forte, de são, e o prazer quando seja nobre e puro.

E a dôr devemos saber doma-la e crear em nós e em nossos filhos o orgulho de resistir ao soffrimento e de o não mostrar.

A sociedade não é generosa para os timidos, para os vencidos, para os que mostram o que soffrem. A's vezes olha-os só com piedade, outras com indiferença ou com desprezo e quasi sempre calca brutalmente a sua dôr.

Se um dia tiver filhos, Vizinha, ensine-os a afivelar na cara a mascara da impassibilidade «para os outros» mesmo quando os

A uns olhos tristes ...

*Oh olhos tristes, como a voz do mar,
Quando annuncia ao pobre pescador,
Que a sua barca va e a naufragar,
Sem appar'cer um barco salvador!*

*Olhos tristes, cançados de chorar,
Que andam perdidos pelo mar da dôr,
Sem que uma esp'rança os vá encaminhar.
Oh olhos tristes naufragos do amor!*

*Soffrem assim as rosas dos caminhos,
Quando quem passa as calca, sem piedade;
E as aves nostalgicas dos ninhos ...*

*Olhos de desalento e de saudade!
Olhos que pedem beijos e carinhos,
Como os dos cegos pedem claridade!*

Setembro 1910

V. CABRAL.

despedace a dôr de uma injustiça, sobretudo quando os torture o receio de succumbir.

Fa-los-ha fortes e respeitados.

Poderá dizer-se que educar assim é ensinar a dissimular ...

Mas educar, a phrase é velha, é preparar para a vida. E a vida ainda é hoje, muitas vezes, uma colossal mentira.

Do seu Vizinho talvez muito

Importuno.

Chronica ligeira

FORAM os echos da revolução que a acordaram? Mas se ha já tantos dias que o seu fragor foi mais intenso, embora o demolidor tremendo no velho casarão do extincto regimen tenha, por vezes, ruidores tragicos de tempestade, não me parece poderem tomar-se como despertador legitimo cá da nossa «Revista», esses retumbantes echos, que aos ouvidos d'uns soaram como dobres sinistros de proscipção e morte e aos d'ou-

três vibraram como hymnos festivos de redempção e vida.

Nada. O caso deve ser outro. Em férias tudo descança e a «Revista» devia também n'esse periodo deixar em paz a penna dos seus collaboradores. Depois, a vida das praias produz enervamentos invenciveis. O proprio mar convida á contemplação e, tanto mais, se o azul profundo da vastidão das aguas se mistura com dois retalhinhos de ceu

caído ridente da juventude e vou singrando, no pobre baixel d'avariada existencia, por bem sombrio oceano, quasi sem rumo, á mercê das ondas caprichosas.

Deixemos, porém, o incidente e felicitemo-nos pelo reaparecimento do quinzenario d'*élite*, que tem por unica nota chôcha e displicente, a tracejada aqui por tão mal apurada penna.

Adormeceu no tempo da monarchia e vem



PARTE POSTERIOR DAS RUINAS

Cliché de F. Soucasaux

Simill-gravura de Marques Abreu

diaphano, luzindo com meiguice ideal n'um rosto seductor e querido. Pode lá em taes circumstancias, cuidar-se de jornalismo? . . . Credo! A vida passa-se venturosamente a olhar . . . a olhar . . . sorrindo e permutando palavras dôces, edulcorantes protestações d'affectos palpitantes.

A vida das praias . . . a vida das praias . . .

Mas não vás, leitor amigo, suppôr que eu ponho enthusiasmos proprios n'esta referencia com que venho registando um dos não pequenos acontecimentos locaes, que é, sem duvida, o longo feriado a que se deu o «Barcellos-Revista».

Coitado de mim! Já lá vae dobrado o

acordar agora já em plena vida da Republica.

Publicação litteraria, continuará a conservar-se, por certo, extranha a negocios de politica. Todavia ha-de penetrar-se bem da acção do novo regimen, pois desde ha muito já mostrava, pelo menos na cooperação primorosa e erudita d'um dos seus mais brilhantes redactores, uma tendencia altamente symptomatica para abraçar o triumpho da causa democratica.

Tambem assim deve ser. Na conveniencia do paiz, está o concurso que todos devem prestar á instituição nascente.

As paixões devem apagar-se nos peitos e

obliterar-se os motivos que tão desavindos traziam os portugueses.

Com a Republica deve surgir uma era de paz e bondade, de fraternisação e progresso.

Assim como o novo regimen veio quasi sem um protesto, aceite de prompto pela Nação em geral, assim o seu ideal de civilisação e liberdade, de civismo e confraternidade deve irradiar-se amplamente.

Em Barcellos o advento da Republica não encontrou o mais leve tropeço. Houve adhesões calorosas immediatas, mantendo-se os restantes n'uma expectativa leal, pelo menos ao que parece.

Que todos se compenetrem das responsabilidades historicas do momento e que se decidam sinceramente a contribuir para a redempção da Patria.

São os meus vehementes votos.

M.



Chronica agricola

O novo regimen e a agricultura.

O que fomos e o que devemos ser.

Portugal tem um solo, clima e situação privilegiados.

Podemos competir com todas as nações que fornecem annualmente á Inglaterra, Alemanha, França e Russia mais de cem mil contos em fructas, hortaliças e legumes.

A acceitação das nossas fructas na Alemanha.

O solo uberrimo d'este nosso torrão natal, deve ser, d'ora avante, a nossa esperanza; elle contém no seu seio mais riquezas de que os mais ricos jazigos auriferos; resta-nos só sabel-o explorar.

Somos um paiz de ignorantes, mas temos a força de vontade que nos anima e nos impelle para o estudo dos diversos ramos da actividade humana, com o mesmo heroismo com que combatemos por uma causa justa. A mudança de regimen, que echoou como um brado unisono por todos os montes e valles d'este formoso paiz, tão pequeno mas tão

variado nas suas aptidões e riquezas naturaes, ha-de forçosamente impor-se a tratar, com um desvelado carinho, de todas as questões agricolas que interessam ao paiz. Não devemos ambicionar industrias, senão as necessarias para o consumo da metropole e colonias, porque nunca poderemos competir favoravelmente com o estrangeiro, por precisarmos de importar a maior parte da materia prima.

A agricultura, bem attendida, é que nos ha-de salvar da nossa misera situação economica.

Precisamos aproveitar o nosso solo, o clima e situação especial que desfructamos porque devemos ser um paiz essencialmente agricola.

A sciencia agricola tem já feito grandes progressos, mas está tão longe do que devia ser que não é possivel arranjar um termo de comparação: temos approximadamente um terço do paiz inculto; não aproveitamos, nem exploramos com criterio, esse grande thesouro que se chama agua de rega; desprezamos por completo tudo quanto sejam ensinamentos novos; vive-se mal e trabalha-se pouco; não temos a coragem precisa para as grandes emprezas e só trabalhamos para auferir um lucro immediato; somos, finalmente, um paiz de desleixados e incompetentes.

Precisamos, agora, de revigorar os nossos musculos com nova tempera e trabalhar pela patria.

E' necessario ir estudar lá fóra ou contratar praticos estrangeiros para: estabelecer granjas modelos por todas as regiões agricolas especiaes, adequadas a desenvolver, ahí, as culturas mais lucrativas e que melhor prosperem; estudar a maneira como se fazem as embalagens de diversos productos agricolas e condições commerciaes das transacções.

Portugal podia fornecer grandes quantidades de fructas e legumes, a todas as nações importadoras da Europa, em melhores condições do que qualquer outro paiz.

A Inglaterra, um dos primeiros paizes importadores de fructas frescas, importou, em 1907, mais de 45:000 contos, em maçãs, damascos, pecegos, bananas, cerejas, uvas, limões, amendoas, nozes, alfarrobas, laran-

jas, peras, ameixas e ananazes, acrescentando que todas estas fructas se dão admiravelmente no nosso paiz e ilhas adjacentes.

A Inglaterra chega a importar annualmente em fructas, hortaliças e legumes, cerca de 67:500 contos de reis, a Allemanha 16:556 contos, a França 15:142, a Russia, Austria-Hungria, Suissa e outros, ajudam a perfazer um total de cem mil contos.

São animadoras as noticias da maneira como as nossas fructas são acceitas na Allemanha :

A *Revista do Mercado*, distribuida pela casa J. H. Suttén & Sohn, de Hamburgo, dá noticia de que correu animadora a venda de 8:424 caixas d'uvas, que sahiram de Lisboa distribuidas por trez vapores. A uva, apesar da viagem d'alguns vapores demorar mais do que se previa, chegou em bom estado. A sua exposição fez-se nos grandes armazens geraes, onde se descarregam os vapores, o que simplifica extraordinariamente a sahida; d'esta maneira diz poderem vender-se n'um só leilão de 5 a 10:000 caixas.

Presume-se de que já se tenham exportado este anno em uvas, umas 40:000 pipas de vinho.

O preço para a uva *Diogalves* foi de 6,50 a 11 marcos por caixa; a uva *preta* vendeu-se por 4,75 a 5,50 marcos por caixa.

Confiava alcançar bons preços, porque, além do valor da uva portugueza, são insignificantes os offerecimentos da uva franceza e italiana.

A colheita na Europa é muito inferior, o que já fez subir muito os preços dos vinhos, na França e Hespanha, onde a colheita foi diminuta.

Calcula-se que a França não tem o vinho necessario para consumo; por isso os francezes resolveram fazer grandes compras no estrangeiro para consumo proprio, e para continuarem fazendo uma exportação regular das suas marcas especiaes.

Segundo informação do consul portuguez em Dusseldorf, a Allemanha já produz muita fructa e comtudo importa quantidades cada vez maiores. A importação, nos oito primeiros mezes de 1909, foi de mais de um milhão de quintaes duplos o que tem uma grande importancia, dadas as condições es-

peciaes do ultimo tratado. As fructas que maior consumo tiveram, foram a maçã, pera, marmello, uva, pecego, damasco, ameixa, cereja e o morango.

A Hespanha, devido á sua boa orientação agricola, faz exportações verdadeiramente collossaes de diversos productos agricolas; assim, pelo porto de Valencia, sahiram, em 1903, 1:218:655 caixas de laranja e no mesmo anno o total da exportação de laranja por outros portos tinha attingido 3:947:407 caixas.

A correspondencia da nossa exportação, foi de 10:575 milheiros, no valor de 16\$223:000 reis.

Para avaliar a importancia que tem a exportação d'uvas na Hespanha, podemos citar os seguintes periodos transcriptos da *Agri-cultura Moderna*:

«A superficie cultivada de *Parrales*, na provincia de Almeria, deve ser approximadamente de 5:750 hectares com a producção media de 10:000 kilogrammas de uvas por hectare com 400 videiras, sendo de 5 metros o compasso da plantação.

«A provincia exporta annualmente pelo seu amplo porto, com um movimento de 1:436 navios, 2:500:000 barris de uva, no valor approximado de 5:000 contos de reis, para Londres, Liverpool, New-York, Hamburgo, Copenhague, Marselha e outros portos estrangeiros.

«A cotação da *Uva de Chaves*, em 1909, na America do Norte, regulou, por barril, desde 1,75 dollars, o minimo excepcional, a 8,12 dollars, o maximo tambem excepcional, segundo o respectivo catalogo.

«A cotação da *Uva de Costa* regulou por 4 a 5 schillings por barril.

«A exportação de batata, banana e tomate, das Canarias para os portos inglezes, está tendo um consideravel incremento.

«Denia é tambem um grande porto de exportação de uva passa, cebola, laranja, amendoa, etc. O total de exportação annual de cebola da Hespanha para a Inglaterra, chega a ultrapassar dois milhões de quintaes».

Tomemos o exemplo da nossa vizinha e tratemos desde já de valorisar o nosso solo, tirando partido da situação privilegiada que gosamos.

E. MARÇAL.

QUADRAS DO NÓSSO POVO

*Jurei ha muito esquecer-te
E a jura tão bem cumpri
Que não me esqueceu a pensar
Que me hei-de esquecer de ti*

*Quando eu era pequenina
É minha mãe me embalava,
P'ra me calar me dizia
Que eu para ti me criava.*

*As maçãs d'esse teu rosto
Como são encarnadinhas!
Se as chegares a vender,
Por todo o preço são minhas.*

*O' penas, não venhaes juntas
Todas ao meu coração;
Vinde mais separadinhas,
Dae logar ás que cá estão.*

O PRECONCEITO DA EDADE

Admitte-se ordinariamente que o homem, passada a idade de cincoenta annos, chega á decadencia da sua actividade physica e intellectual.

Sem affirmacão absoluta, pode-se comtudo protestar contra a generalisação d'um parecer que não assenta em nenhuma base solida.

Muito ao contrario, a vida scientifica, politica e litteraria, é fertil em exemplos que mostram que o homem sómente n'uma certa idade dá a prova do seu valor intellectual, e o maximo da sua actividade:

O renome de Lora Strathcona, no mundo politico, começou precisamente quando elle tinha 75 annos. Actualmente, com 82 annos, trabalha todas as manhãs até ás 10 horas e assiste, em media, por semana, a tres ou quatro jantares officiaes sem contar as recepções.

William de Morgan, tinha 65 annos quando escreveu os seus primeiros romances. Pierpont Morgan, tinha a mesma idade quando estabeleceu o plano do seu colossal projecto financeiro.

Ha cincoenta annos, o homem de 45 annos era considerado um velho; presentemente, M. Lloyd George, que tem 47 annos, faz parte dos jovens.

Sir Hiram-Maxim, aos 70 annos emprehendo diariamente novos trabalhos.

B. W. Leader, R. A., com 80 annos, tem pela sua arte o mesmo entusiasmo da sua juventude.

Benjamin Franklin, quando chegou a Paris, como embaixador dos Estados da America, tinha 71 annos.

Aos 72 annos, Victor Hugo emprehende a *Historia d'um crime*.

E, finalmente, Herbert Spencer, acabou a sua obra aos 84 annos.

DE «LA REVUE».

ERA NOVA

Com este titulo começou a publicar-se, n'esta villa, um novo semanario superiormente dirigido pelo nosso distincto collaborador sr. Antonio Albino Marques de Azevedo, cujo nome é sufficiente garantia, pela sua elevada competencia, do brilho e boa orientacão do seu jornal.

Os dois numeros que lemos, apresentam-se distinctamente collaborados.

EXPEDIENTE

Por absoluta falta de espaço, não nos referimos hoje á festa agricola que se realizou na passada quinta feira, o que faremos no proximo numero em artigo especial.

—Motivos imperiosos e contrarios á nossa vontade, fizeram sahir com bastante atraso o presente numero da nossa *Revista*.

D'esta falta pedimos desculpa aos nossos distinctos collaboradores e estimados assignnantes, e promettemos evitar o mais possivel que se repita.

—Por ter sahido com alguns erros typographicos a nota aos versos «Patria», de Junqueiro, que hoje publicamos, reproduzimos os dois primeiros periodos:

O maior dos poetas portuguezes actuaes. Os seus versos, sobretudo na *Morte de D. João e Velhice*, modelados sobre os de Victor Hugo, egualam por vezes os do grande mestre, pela sonoridade, poder expressivo e vigor magnifico.